



ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19: REFLEXÕES NO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Marcos Gomes de Sousa¹
Raimundo Lenilde de Araújo²

INTRODUÇÃO

Com o surgimento da pandemia da Covid-19 no Brasil desencadeada pelo novo coronavírus (*SARS-COV-2*)³ e, conseqüentemente, com o isolamento social em meados do mês de março de 2020, muitas instituições tiveram que se adaptar à nova realidade no processo de ensino e aprendizagem, sobretudo, no ensino superior. Esse momento histórico nos mostrou o quanto as tecnologias se tornaram essenciais para a continuação das aulas presenciais, porém em uma nova modalidade, o chamado Ensino Remoto Emergencial (ERE).

No Brasil, de repente, em março de 2020, as Instituições de Ensino Superior (IES) suspenderam as aulas presenciais em sala de aula e, por autorização do Ministério da Educação, passaram a adotar, como solução, recursos digitais de ensino-aprendizagem, com os professores e alunos separados espacialmente, à semelhança da modalidade Educação a Distância (EaD), com destaque para a vídeo conferência, audioconferência, apresentações e disponibilização via Internet de materiais de leitura, o que requereu uma participação mais ativa por parte do aluno e maior esforço dos docentes. (LEAL, 2020, p. 42)

Percebe-se então, que as tecnologias se tornaram um dos recursos essenciais para o processo de ensino e aprendizagem no cenário da Covid-19. Nesse sentido, Goedert e Arndt (2020, p. 105) expõem que “o cenário que se desenha diante dessa pandemia é de incertezas, inseguranças e adaptações em todas as dimensões sociais, como na saúde, na política, na economia e na educação”. Todas essas transformações propiciaram um novo processo de formação inicial de muitos graduandos e nas práticas docentes, como a mediação das aulas

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Piauí - PI, marcosggomes77@gmail.com;

² Professor Dr. Do curso de Geografia da Universidade Federal do Piauí - PI, raimundolenilde@ufpi.edu.br;

³ Vírus da família dos coronavírus que, ao infectar humanos, causa uma doença chamada Covid-19. Por ser um microrganismo que até pouco tempo não era transmitido entre humanos, ele ficou conhecido, no início da pandemia, como “novo coronavírus”.



com o uso do *Google Forms*, *Google Meet*, grupos de *WhatsApp* e outras Tecnologias Digitais Informação e Comunicação (TDIC).

O novo cenário causado pelo novo Coronavírus forçou novas práticas pedagógicas durante o isolamento social e essa nova forma de ministrar as aulas tornou-se o grande desafio para docentes e discentes. Nesse sentido, Goedert e Arndt (2020, p. 106) argumentam que “todo o processo para implantação do ensino remoto no contexto da Pandemia é novo, o que requer um olhar atento para as condições e particularidades que envolvem o uso das tecnologias digitais na educação”.

Todas essas mudanças no cenário atual modificaram muito a formação inicial, pois os recursos tecnológicos passaram a ser valorizados e utilizados com mais frequência e, conseqüentemente, passaram a fazer parte de sua prática pedagógica. Tardif (2010, p. 36) menciona que os saberes profissionais são “[...] o conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores [...]”. Nesse caso, percebe-se que as instituições públicas e privadas passaram a adotar o uso das TDIC no processo de ensino e aprendizagem devido ao isolamento social, substituindo diretamente as aulas presenciais pelo ensino mediado por tecnologias. Nesse contexto:

O surgimento e o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), especialmente as digitais, intensificou as possibilidades de acesso às informações, ampliou as formas de comunicação e modificou a relação humana com o ambiente profissional, acadêmico e familiar. (GOEDERT; ARNDT, 2020, p. 107).

O(A) professor(a) deve apropriar-se das tecnologias de forma crítica e reflexiva, no intuito de potencializar a sua prática pedagógica no ensino remoto, ou seja, o educador(ra) tem a possibilidade de desenvolver novas habilidades e buscar conhecimentos acerca das TDIC em seu processo de trabalho docente, sobretudo, no ensino superior.

Nessas perspectivas, os(as) professores(as) podem encarar o grande dilema do ensino mediado pelas tecnologias digitais, ou seja, se preparar para a nova realidade social e educacional, no sentido de lidar com todos os tipos de recursos tecnológicos em sala de aula. Nesse contexto, surgiu um novo paradigma do setor educacional: o novo “normal”, focado em um ensino mediado pelos recursos tecnológicos, onde destacaram-se o Ensino a Distância (EaD) e o ERE. Nascimento e Azevedo (2017, p. 66) mencionam que “nesse corolário, aulas interativas e inovadoras à luz das novas ferramentas tecnológicas surgem como caminho a ser trilhado em busca de um ensino-aprendizagem prazeroso, eficiente e desafiador”.



Nesse sentido, o ensino remoto tornou-se a melhor opção de muitas universidades públicas e privadas continuarem com ensino presencial, pois, essa modalidade de ensino trouxe muitas dúvidas e discussões no ambiente acadêmico, pois viabilizou o surgimento de exclusões de alguns discentes. Porém, mesmo com todos os desafios, essa modalidade de ensino veio como um modelo essencial para o processo de ensino e aprendizagem, principalmente com o auxílio das tecnologias e da própria Internet. Moran (2000, p. 137) afirma que “como em outras épocas, há expectativas de que as novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para o ensino”.

Com isso, o trabalho discorreu sobre a formação inicial do curso de Geografia da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina/PI, durante a pandemia da Covid-19 na modalidade ERE. Nesse sentido, com a chegada da pandemia e, conseqüentemente, a realização do ensino *on-line*, o ensino de Geografia sofreu grandes transformações, tanto na prática docente quanto na aceitação dos(as) alunos(as) em relação à nova realidade do ensino não presencial.

O artigo teve como objetivo geral: discutir as perspectivas do ERE da UFPI no curso de Licenciatura em Geografia e objetivos específicos: i) analisar como os discentes do curso de Geografia lidam com a nova modalidade de ensino e ii) apontar quais TDIC foram e continuam a serem utilizadas durante as aulas *on-line*.

A investigação fundamentou-se em análises bibliográficas acerca da temática central nas quais foram analisados artigos acadêmicos, dissertações, livros e sites especializados, bem como aplicação de questionário *on-line* para os discentes do curso de Geografia da UFPI. Nesse sentido, a pesquisa torna-se importante, pois foi possível realizar uma análise crítica e reflexiva acerca da aprendizagem dos(as) alunos(as) e o quanto o ERE é aceito, ou não, pela comunidade acadêmica durante o isolamento social.

Conclui, portanto, que o ensino remoto, nesse caso, nos trouxe mudanças significativas ao longo da pandemia, principalmente, na interação entre os(as) professores(as), as tecnologias e os(as) aluno(as), ou seja, a exemplo do que vem acontecendo no ensino superior, que passaram a ser mediadas pelas TDIC. Dessa forma, não são mais uma novidade, há tempos que esses recursos são utilizados em sala de aula, porém desde a pandemia as discussões sobre o EaD e ERE vem sendo ressignificadas.

METODOLOGIA

O trabalho trata-se de uma pesquisa descritiva, que é utilizada, conforme expressam Prodanov e Freitas (2013, p. 52): “quando o pesquisador apenas registra e descreve os fatos



observados sem interferir neles”, ou seja, realiza a descrição de determinadas características de uma população ou mesmo de um determinado fenômeno. Ademais, a pesquisa apresenta uma abordagem quanti-qualitativa, na qual foi possível quantificar, interpretar e descrever como os(as) alunos(as) do curso de licenciatura em Geografia da UFPI lidaram com o ERE. A investigação fundamentou-se também em análises bibliográficas acerca da temática central nas quais foram analisados artigos acadêmicos, dissertações e livros, bem como as obras dos autores Moran (2002), Tardif (2010), Nascimento e Azevedo (2017) e Leal (2020).

Além disso, utilizou-se a aplicação de um questionário digital para os discentes do curso de licenciatura em Geografia da UFPI por intermédio do *Google Forms*, este serviu para a produção das questões e análise dos dados. Nesse sentido, as perguntas tinham como objetivos de colher dados e percepções dos discentes na pandemia, ou seja, o quanto que o ERE e o uso das TDIC estavam sendo aceitos pela comunidade acadêmica do curso de Geografia, e quais ferramentas tecnológicas continuaram a ser usados para mediar às aulas *on-line*.

Salienta-se que o questionário estava estruturado da seguinte forma: pergunta do tipo aberta (1); pergunta do tipo fechada (10) e pergunta de múltipla escolha (1), totalizando um total de 12 perguntas. Ressalta-se que essas classificações estão baseadas de acordo com a obra de Prodanov e Freitas (2013). Ademais, a pesquisa foi aplicada para setenta e oito discentes do curso de Geografia da UFPI do campus Ministro Petrônio Portella, Teresina, Piauí, onde estes foram identificados por alunos(as) A, B, C e etc. Observa-se também, que a elaboração e coordenação da aplicação do questionário aos discentes da se deu por intermédio do Grupo de Pesquisa em Geografia, Docência e Currículo (GEODOC) da UFPI durante o ano de 2020.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa direcionada aos discentes do curso de Geografia da UFPI aponta que: a) cerca de 88,5% dos(as) alunos(as) obtêm informações, trocas de ideias e discussões de temas específicos do curso nas aulas remota, por intermédio do recurso *Wi-Fi*, e b) cerca de 11,5% deles, infelizmente, utilizam a Internet por meio dos dados móveis (3G e 4G) do celular, ou seja, o chip, esse meio de acesso torna que a participação dos(as) educandos(as) nas aulas muito limitante.

Conforme o exposto acima, percebemos que uma pequena parcela de estudantes utiliza a internet do aparelho celular (chip), isso em decorrência de vários fatores como questões socioeconômicas, e Isso acaba fazendo com que muitos sejam impedidos, em muitos casos, de



participarem das aulas no ERE. Dessa forma, a Internet passa a ser vista como um recurso que proporciona a eles o acesso às informações ministradas pelos(as) professores(as), porém, de forma bem superficial.

Nesse sentido, foi proposta no questionário de pesquisa a seguinte indagação: como você avalia o ensino remoto (emergencial) da UFPI? Muitos dos estudantes que responderam avaliaram que as aulas foram consideradas como bom (41%), muitos também julgaram como regular (32,2%), outros como ótimo (12,8%) e cerca de 5,1% e 3,8% consideraram, respectivamente, as aulas remotas ruins e excelentes.

Em relação às facilidades do ensino remoto, pode-se destacar os seguintes: ambiente virtual adequado; a flexibilização para a execução das atividades; extinção do deslocamento até a universidade para assistir as aulas presenciais; a empatia dos professores com os alunos, o que ajuda bastante durante o período e assiduidade dos professores durante as aulas *on-line*.

Em outra perspectiva, percebeu-se que a comunidade acadêmica ainda apresenta muitos desafios e dificuldades ao longo do ensino remoto, uma vez que muitos não possuem os suportes tecnológicos necessários para a participação durante as aulas *on-line*. Além disso, a pesquisa nos mostrou que os discentes utilizam várias ferramentas em suas aulas, objetivando a mesma qualidade do ensino presencial.

A pesquisa aponta também que as principais ferramentas utilizadas forma: *Google Meet*; o Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da UFPI; *WhatsApp*; *Google Forms* e o próprio e-mail. Além desses, foram citados *Google Drive*, *Google Classroom*, *Podcasts* e Plataforma *Zoom*. Nesse sentido, foram utilizados vários recursos tecnológicos para tornar as aulas mais atrativas aos alunos do curso de Geografia da UFPI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A referida pesquisa apresentou uma breve discussão sobre as principais ferramentas tecnológicas usadas no ERE, que foram e continuam sendo um dos recursos essenciais durante o ensino remoto da UFPI, a exemplo do curso de Geografia. Nesse sentido, observou-se que muitos graduandos tiveram desafios em acessar as aulas no ERE, por vários motivos, dentre eles a instabilidade na Internet, falta de concentração durante as aulas, conciliação dos horários com as atividades pessoais, não ter acesso à Internet de qualidade; local não adequado para estudos; falta de recursos tecnológicos na residência, distração e exclusão digital.



Em se tratando das principais ferramentas digitais usadas ao longo do ERE, a pesquisa apontou que o *Google Meet*, *YouTube*, SIGAA (programa institucional da UFPI), *WhatsApp*, *Google Classroom* e o E-mail foram algumas das tecnologias usadas no processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Geografia durante o ano de 2020. Salienta-se que, a modalidade de ensino em questão (ERE) foi caracterizada como sendo cansativa e enfadonha, pois os alunos passavam muito tempo em frente à tela do computador ou do celular, isso acaba retificando a hipótese da pesquisa.

Conclui-se, portanto, que o ERE trouxe consigo vários dilemas no campo da educação e que as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, assim como professores dedicados, alunos participativos, foram essenciais para que o ERE pudesse ser efetivado no curso de Geografia.

Palavras-chave: Pandemia; Formação inicial; Geografia; Ensino remoto.

REFERÊNCIAS

GOEDERT, L.; ARNDT, K. B. F. Mediação pedagógica e educação mediada por tecnologias digitais em tempos de pandemia. **Revista criar educação**, Santa Catarina, v. 9, n. 2, p. 104-121, abr./jun. 2020. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/6051>. Acesso em: 12 de fev. de 2021.

LEAL, P. C. de S. A educação diante de um novo paradigma: ensino a distância (EAD) veio pra ficar. **Revista Gestão & tecnologia**, Goiânia, v.1, n. 30, p. 41-43, jan./jun. 2020. Disponível: <http://faculdadedelta.edu.br/revistas3/index.php/gt/article/view/44>. Acesso em: 16 de fev. de 2021.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias. **Informática na educação: teoria & prática**, Rio Grande do Sul, v. 3, n.1, p. 137-144, set. 2000. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/6474/3862>. Acesso em: 15 de fev. de 2021.

NASCIMENTO, E. D.; AZEVEDO, R. O. M. Possíveis articulações entre os conceitos de tecnologia e competências na formação profissional docente. **Revista brasileira de educação profissional e tecnológica**, Rio Grande do Norte, v. 2, n. 13, p. 65-72, out. 2017. Disponível: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/5561>. Acesso: 28 de fev. de 2021.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 11 e.d. Petrópolis: Vozes, 2010.